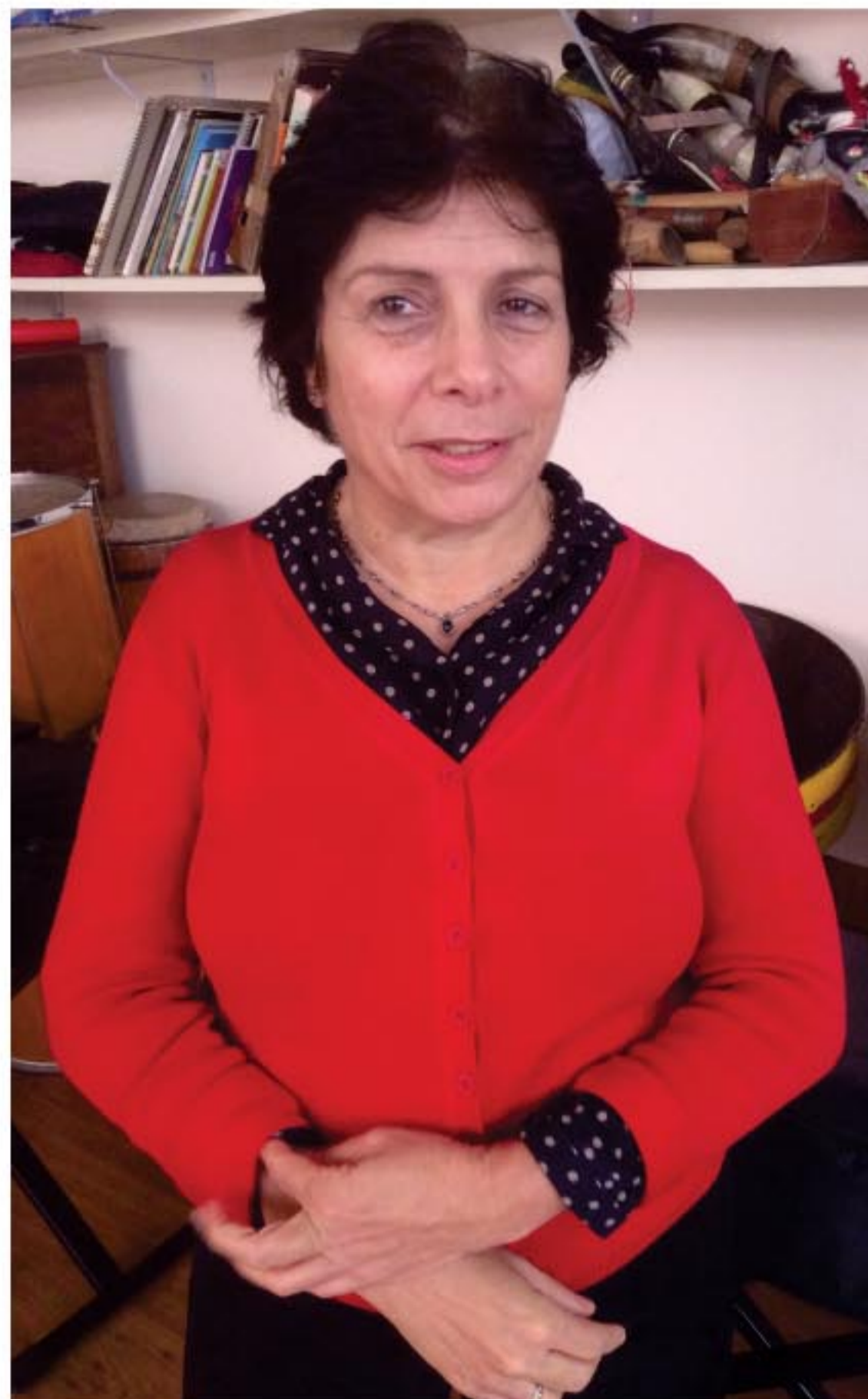


Ler partitura? Por quê?

por Teca Alencar Brito

No começo os seres humanos ouviam sons e percebiam suas diferentes qualidades, produziam outros (com o corpo e/ou com os materiais disponíveis) e no curso de um longo período, que envolve muitos séculos, a Música, se desenvolveu, se transformou e, dentre outras características, criou códigos para anotar, para registrar (o que se criou, o que se escutou... o que se pretende guardar, enfim, para poder repetir, compartilhar, transformar também). Para produzir e compartilhar cultura, história, conhecimentos, dentre outros tantos aspectos que poderíamos enumerar aqui.

Se eu acho que a leitura musical é importante? Sim, eu considero, pois nosso mergulho no musical à medida que fica mais profundo, envolvendo maior complexidade, pode (e deve) contar com os registros escritos das produções musicais de outras épocas (que nos contam tantas coisas), de outras culturas, da história musical do humano, enfim, além de garantir que tudo isso continue, sem desconsiderar que atualmente existem outros meios de gravar, guardar e, enfim, enriquecer os acervos musicais de obras de tempos e espaços diversos.



“ Se eu acho que a educação musical e especialmente a formação em instrumentos musicais deve começar e/ou priorizar a questão da leitura? Não, de modo algum. ”

Em primeiro lugar, porque ler música é ler sons e não apenas símbolos impressos, o que implica em desenvolver a escuta e o pensamento musical para realmente formar um bom leitor ou leitora de músicas. Segundo, porque a exemplo do que ocorre com a aquisição do idioma materno (quando as crianças conectam a escuta, o movimento dos lábios, a observação do contexto total, a construção do sentido, do significado daquilo que ouvem e falam, bem antes de ler e escrever...) é preciso fazer música, tocar de ouvido, improvisar, imitar e como parte de todo esse processo entrar em contato com a questão da escrita musical.

Costumo dizer que é mais fácil tocar do que ler, ao menos nas fases iniciais do trabalho com instrumentos musicais. No caso do piano, meu instrumento, sempre observei que as crianças, bem como os adolescentes ou adultos, em suas primeiras etapas de estudo, queriam tocar músicas que fizessem sentido para elas (o que não significa limitar-se àquelas veiculadas pela mídia). Músicas que poderiam ser adaptadas para suas possibilidades de realização e que elas poderiam tocar de memória ou valendo-se de alguns gráficos de registro (auxiliares da memória), mas não poderiam tocar lendo uma partitura tradicional (ainda muito complexa). E lamento constatar que ainda hoje, nos idos de 2015, muitos estudantes de música, especialmente os iniciantes, ficam muito desapontados e desestimulados ao perceberem que só poderão tocar aquelas músicas sem sentido, isentas de expressividade ou qualquer valor artístico, mas que são fáceis de ler e que tem mesmo a função de desenvolver a leitura.

Sou absolutamente contra tal postura. Acredito que aprender a ler música passa pela escuta, como já sinalizei, pela compreensão do papel e da importância do registro de obras musicais, devendo considerar a criação de novas grafias, o experimento, o contato com notações contemporâneas e, em se tratando da notação ocidental tradicional, desenvolvendo um trabalho que envolve pensar, refletir e entender o sistema do pentagrama, bem como, dos valores rítmicos.

Quantas pessoas se ocupam, por exemplo, em refletir junto com os alunos e alunas sobre a origem dessas notações, sobre o porquê de uma semibreve ter esse nome, bem como, sobre o nome das notas musicais, só para lembrar algumas questões básicas?

Creio que o trabalho com a leitura e a escrita é parte da formação musical e ainda que tenhamos, hoje, muitos outros recursos, considero que ler e escrever será sempre importante. Mas, de modo algum, isso pode ser colocado antes do sonoro, antes da experiência com o sonoro, da escuta, da criação, do importantíssimo trabalho com a memória, pois é pelo sonoro que o acontecimento musical se atualiza e se efetiva realmente.

Chega de oferecer métodos estereotipados e alienantes para as crianças que iniciam o estudo de instrumentos musicais. Se a criança precisa de um relógio para saber que ali onde ele se encontra é a casa da nota ré (como algumas propostas insistem em repetir), como exemplo, é porque seu modo de pensar, escutar e fazer música é outro. Será importante entender, escutar e aprender as notas, com uma efetiva compreensão de seu sentido, de sua necessidade e importância. Isso considerando, também, que existem outros modos de grafar e registrar sons e não apenas a escrita musical tradicional.

Cristal Velloso

Bacharel em composição e regência, especializada em musicalização infantil pelo Instituto Orff de Salzburg-Austria e método Kodaly na Universidade Dunakanyar Estergon-Hungria.

Estudou flauta doce com Nair Romero de Mattos, Bernardo Tolledo Piza e fez cursos com Ricardo Kanji, entre outros. Atua como concertista, e na Yamaha Musical do Brasil é a coordenadora de Difusão Musical, sendo a criadora e gestora do programa Sopro Novo Yamaha, e também autora dos cadernos de flauta doce do programa.

Teca Alencar de Brito

Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC- SP, Bacharel em Piano e Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Música, é professora e pesquisadora no Departamento de Música da ECA/USP. Fundou, há trinta anos, a Teca Oficina de Música, núcleo de educação musical voltado à formação de crianças, adolescentes, adultos e educadores, em São Paulo-SP. Autora de livros e artigos na área, também produziu oito CDs apresentando a produção musical de crianças e adolescentes da TECA-Oficina de Música. É a atual vice-presidente do FLADEM – Fórum Latinoamericano de Educação Musical.